

Lógica e estética em Hegel

Marco Aurélio Werle

Universidade de São Paulo (USP)

Pretendo a seguir lançar algumas ideias sobre a relação entre lógica e estética na filosofia de Hegel, ou seja, tentar pensar essa parte da filosofia de Hegel, a estética, na medida em que possui uma relação com a lógica de Hegel, o que significa confrontar os *Cursos de estética* com a *Ciência da lógica*. Mas, antes disso, eu gostaria de fazer alguns apontamentos sobre essa proposta de abordagem, pois pode parecer que meu intento consista em enquadrar a estética no âmbito da lógica em Hegel, uma vez que na filosofia é largamente difundido o "dogma" de que certos domínios do pensamento são mais originários e fundamentais do que outros. A lógica, a metafísica e a epistemologia, diz-se, antecedem, em termos de rigor, os domínios da política, da estética e da moral.

Minha leitura não segue esse caminho, inclusive porque na filosofia de Hegel não há uma relação clara e direta, e sim apenas indireta, entre essas duas disciplinas: a lógica e a estética. E isso é justamente uma vantagem, pois Hegel nos mostra que tanto a lógica quanto a estética são fundamentais, de que há relações entre os dois campos, muito embora cada campo tenha a sua própria especificidade e modo de pensar. Tentarei a seguir delimitar esse estado de coisas: até onde a estética possui elos fortes com a lógica e em que momento ela se torna independente e constitui, por assim dizer, uma lógica própria e imanente, uma espécie de "lógica estética", a qual não se confunde nem com a lógica tradicional nem com a lógica tal como aparece na *Ciência da lógica*.

I. A questão da fundamentação da filosofia em Hegel

Na verdade, a discussão dessa relação entre lógica e estética deve ser antecedida pela abordagem prévia do tipo de *fundamentação* que nos apresenta a filosofia de Hegel em geral. Não me parece imediatamente óbvio que a lógica seja a instância, por excelência, à qual se deva remontar todo e qualquer tipo de fundamentação presente na filosofia de Hegel. É certo que a lógica é a "alma" do pensamento hegeliano, mas uma

alma que não se separa de seu corpo e que, em termos orgânicos, possui dignidade idêntica.

Atribuir a função de fundamentação unicamente à lógica parece-me uma exacerbação do lugar dessa disciplina no sistema de Hegel e do modo como Hegel a concebeu, como não sendo apenas um discurso formal ou uma propedêutica. Seria preciso aqui levar em conta as longas explicitações que Hegel realiza em torno do que ele chama de elemento lógico [*das Logische*] bem como em torno do lugar que cada parte da filosofia possui no sistema, a partir de sua fundamentação própria e imanente. Sobretudo, porém, seria preciso penetrar no projeto da filosofia de Hegel desde a *Fenomenologia do espírito*, quando, na "Introdução", Hegel considera que na filosofia não se pode realizar um início abstrato, mas que a consciência é antes um movimento dialético. Diante disso, cai por terra a ideia de um domínio do saber por assim dizer exclusivo e primeiro: a lógica de Hegel não é a metafísica de Aristóteles e muito menos as *Meditações metafísicas* de Descartes ou uma ontologia fundamental, tal como pensava Heidegger em *Ser e Tempo*.

A filosofia de Hegel apresenta diferentes estratégias de fundamentação, as quais se opõem de maneira radical ao tipo de fundamentação dominante na filosofia moderna desde Descartes. Cada parte do sistema da filosofia possui a sua própria fundamentação, caso fiquemos na imagem de que a filosofia é um *círculo de círculos*, apresentada no § 15 da *Enciclopédia das ciências filosóficas*:

Cada parte da filosofia é um todo filosófico, um círculo que se fecha em si mesmo, mas a ideia filosófica está nesse círculo em uma determinidade ou elemento particular. O círculo isolado se rompe justamente pelo fato de que é em si mesmo totalidade, mas também é o limite de seu elemento e funda uma esfera ulterior; o todo se apresenta, por conseguinte, como um círculo de círculos, no qual cada círculo é um momento necessário, de modo que o sistema de seus elementos peculiares constitui toda a ideia, que igualmente aparece em cada momento isolado. (Werke 8, p. 60)

No "Prefácio" à *Fenomenologia do espírito*, Hegel diz algo semelhante em relação ao percurso fenomenológico do movimento da formação da consciência:

De um lado, é preciso suportar o comprimento desse caminho, pois cada momento é necessário; – de outro lado é preciso demorar-se

em cada momento, pois cada momento é ele mesmo uma figura total individual e é apenas considerada de modo absoluto na medida em que sua determinidade é considerada como um todo ou como algo concreto ou o todo na peculiaridade dessa determinação (Werke 3, p. 33)

Segundo essa passagem, cada momento da consciência possui uma legitimidade própria, na medida em que é sempre o todo. Ora, Hegel transpõe essa característica de afirmação da verdade, presente na *Fenomenologia do espírito*, para o domínio de todo o sistema de saber. O sistema completo da filosofia de Hegel lida também com a noção de uma determinação do todo como algo concreto e individual a cada momento.

Certamente a lógica possui um lugar de destaque na filosofia de Hegel e não se deve diminuir o empenho hegeliano em restituir a essa disciplina a sua verdadeira dignidade diante dos ataques kantianos à metafísica. Entretanto, o traço característico da lógica como campo das determinações puras do pensamento não lhe assegura em princípio um monopólio na fundamentação de toda a filosofia. Trata-se tão somente disso na lógica: do campo das determinações *puras*, as quais, porém, não devem ser vistas como isoladas em si mesmas ou como se assumissem o lugar mais elevado no sistema de saber. Antes, essas determinações têm de ser pensadas como emergindo de um movimento fenomenológico da consciência, que se elevou ao estágio do espírito, conforme Hegel mesmo assinala na "Introdução" à *Ciência da lógica*, ao comentar a dependência recíproca entre a lógica e a *Fenomenologia do espírito*.

O conceito da ciência pura e a sua dedução são dessa maneira pressupostos no presente tratado, tendo em vista que a Fenomenologia do espírito nada mais é do que a dedução do mesmo. O saber absoluto é a verdade de todos os modos da consciência. (Werke 5, p. 43).

O puro é o puro de algo "impuro", da atividade da ideia na história, de modo que a lógica é a história do pensamento vista sob o prisma das categorias puras, mas que não podem ser desvinculadas de sua história espiritual.

Na "Introdução" aos *Cursos de história da filosofia*, Hegel pondera que uma coisa é representar a ideia pura, tarefa da filosofia lógica, outra coisa é representar o desenvolvimento da filosofia no tempo, a saber, na história da filosofia. Ou seja, Hegel distingue aqui níveis do que se desenvolve, diante da apresentação do desenvolvimento

como um todo compacto. O nível lógico corresponde ao que é propriamente consciente no desenvolvimento do espírito, ao passo que o histórico é, por assim dizer, o "inconsciente". Na versão de Heidelberg, de 1817, lemos:

Sustento que a sequência dos sistemas da filosofia na história é a mesma sequência na dedução lógica das determinações conceituais da ideia. Eu sustento que, quando despimos puramente os conceitos fundamentais dos sistemas que aparecem na história da filosofia, no que concerne à sua configuração exterior, sua aplicação ao particular e algo semelhante, então se obtém os diferentes estágios da determinação da ideia mesma em seu conceito lógico. Inversamente, considerando a progressão lógica tomada por si mesma, temos nela, segundo seus momentos principais, a progressão dos fenômenos históricos; — mas devemos certamente saber reconhecer esses conceitos puros naquilo que contém a figura histórica. Além disso, sem dúvida, segundo esse aspecto, a série como série temporal da história também se distingue da série na ordenação dos conceitos. (Werke 18, p. 49)

Essa identificação entre o lógico e o histórico é também tematizada na *Enciclopédia das ciências filosóficas* (§ 13 e § 14), bem como no fim dos *Cursos sobre a história da filosofia* (Werke 20, p. 455-462).

Para haver a passagem de uma categoria lógica à outra e se constituir o assunto da lógica, a ideia necessita se fazer outra de si mesma, o que apenas se torna possível com uma saída da ideia de si mesma ou, visto esse processo de maneira pura junto às determinações lógicas, ao atingir o seu limite. É nesse sentido que entra a história, tomada obviamente não como um mero conjunto de fatos ou um aglomerado desconexo, e sim como o palco do desenvolvimento concreto da ideia. A lógica exprime uma finalidade pura na história e confere um sentido categorial ao histórico.

2. O aspecto lógico puro na estética

Voltando à imagem do círculo dos círculos e ao nosso problema da relação entre o lógico e o estético, é preciso considerar então que a estética (como um círculo desse

círculo maior) possui uma certa fundamentação própria e imanente, embora também transcendente. O círculo dentro de um círculo remete justamente a isso, tanto a uma autonomia quanto a uma remissão para fora ou para o que é transcendente a esse círculo.

É nessa tese que eu gostaria de insistir nesse trabalho, a saber, que *existe de fato um terreno de cruzamento, onde a lógica se faz presente na estética, mas ao mesmo tempo há elementos internos à estética que implicam uma fundamentação própria e imanente*. Há certos aspectos da estética que remetem à lógica (refiro-me à primeira parte dos *Cursos de estética*, que trata da ideia do belo e do ideal), mas há muitos elementos fundadores da estética que são extraídos por Hegel do terreno da estética tradicional, designando, por assim dizer, uma "lógica" da estética como disciplina tradicional. E aqui tomo o termo "estética" em sentido amplo, como o próprio Hegel considera que é preciso fazê-lo, logo na abertura aos *Cursos de estética*, ao considerar que o nome mais apropriado para essa disciplina seria "filosofia da bela arte". Essas determinações "lógicas" estéticas não provêm do sistema da *Ciência da lógica* de Hegel, mas da estética tradicional e são principalmente objeto de abordagem na primeira parte dos *Cursos de estética*, quando se trata do assunto relativo às determinações do ideal, tais como a ação, o estado de mundo, a situação, a colisão, o caráter, etc. Essas categorias foram sendo depuradas não no interior da história da lógica, desde Aristóteles até a época moderna, e sim pelo trabalho de muitos pensadores e críticos de arte e de literatura. Poder-se-ia dizer que, assim como na *Ciência da lógica* Hegel pretende reabilitar a metafísica tradicional (que havia se dividido em metafísica *generalis* e *especialis*), da mesma forma na estética assistimos a um rearranjo das categorias estéticas tradicionais, sob o pano de fundo de uma estética do conteúdo.

Uma vez que, segundo a nossa tese, a lógica constitui apenas uma parte da fundamentação da estética, mas não o todo dela, então se pergunta: em que momento da *Ciência da lógica* se insere, do ponto de vista lógico, não apenas fenomênico, algo como o belo, que Hegel considera como sendo a "aparência sensível da ideia" (das *sinnliche Scheinen der Idee*; *Werke* 13, p. 151). Responder a esse ponto não é tão simples e, de fato, já foram escritos livros sobre esse assunto.¹

¹ Por exemplo: PERES, Constanze. *Die Struktur der Kunst in Hegels Ästhetik*, Bouvier, Bonn, 1983 e HILMER, Brigitte. *Scheinen des Begriffs. Hegels Logik der Kunst*, Hamburg, Meiner, 1997.

Aqui se apresentam muitas dificuldades, pois o belo não é tido por Hegel como um momento da ideia na *Ciência da lógica*². Hegel também não situa a noção de ideal na lógica. Poder-se-ia situar o belo talvez na proximidade da noção de vida, do primeiro capítulo da terceira seção da lógica do conceito, intitulada "A ideia". Nesse sentido, a arte/o belo teriam seu lugar sistemático entre as noções de vida e de conhecimento, uma vez que a vida seria a antecâmara do belo, ao passo que o belo não se confundiria com o conhecimento, dado o seu nexos estrutural com a sensibilidade.

Com efeito, no segundo capítulo da primeira parte dos *Cursos de estética*, Hegel tece considerações sobre a noção de vida no âmbito do belo natural. O belo natural, como se sabe, é excluído do âmbito do belo artístico, mas não deixa de haver uma afinidade entre a obra de arte e a noção de organismo e de vida. Pois, o ideal, enquanto o belo artístico, surge diante do homem como instância que soluciona ou suprime as deficiências do belo natural (*Werke* 13, p. 178). Mas o caráter de ideia do belo artístico depende da afirmação da ideia na natureza e isso ocorre por meio da vida: no organismo se constitui o idealismo da vitalidade (idem, p. 163) e emerge a subjetividade como contradição do vivente na dupla atividade das diferenças e da unidade. "A vida somente é efetiva enquanto subjetividade singular e viva" (idem, trad. p. 165).

A beleza permite que tenhamos uma intuição do idealismo objetivo da vida, muito embora "a intuição da natureza enquanto bela não avance para além desse pressentimento do conceito" (idem, p. 174). O ideal do belo, enquanto alma (idem, p. 203), encontra na natureza um modo aparentado de existência, uma vez que as partes autônomas subsistem em uma unidade. A diferença é que na natureza o conceito é *dado* para nós, ao passo que no belo o conceito é *posto* pelo espírito e para a atividade cultural do espírito.

Uma outra forma de fundamentação lógica do belo poderia passar pela noção de aparência. Assim, o belo fincaria um pé na lógica da essência, a saber, quanto à noção de *Schein*. Certamente no âmbito da arte, o "ser é aparência ... o negativo posto como negativo" (*Werke* 5, p. 19), mas a dificuldade de estabelecer essa fundamentação parece residir no fato de que o aparecer do belo não é um aparecer puro, enquanto tal, um aparecer sem conotação alguma, e sim um aparecer *da* ideia, tendo um conteúdo

² Segundo Helmut Schneider, a exclusão hegeliana do conceito do belo na *Ciência da lógica* não é definitiva, já que na ideia de vida (presente nessa obra) o belo mantém seu espaço (*Die Logizität des Schönen und der Kunst bei Hegel*, In: *Anfänge bei -Hegel*, Kasseler Philosophischer Schriften – Neue Folge 2, Wolfdiertich Schmied-Kowarzik und Heinz Eidam (Hg.), Kassel University Press, Kassel, 2008, p. 130).

específico. E no caso da lógica, no trecho da lógica da essência, trata-se antes de um exame do aparecer como tal, puro, que todavia encontra-se abaixo do domínio de uma ideia. O belo é uma aparência da ideia (de uma subjetividade mais elevada) e não de uma aparência da essência (metafísica qualquer). E a pergunta fundamental é antes essa: como se qualifica essa aparência ideal junto ao belo?

3. Momentos lógicos inerentes ao tratamento da estética

Se examinarmos agora o modo como Hegel situa a filosofia da arte nos *Cursos de estética*, temos que levar em conta que a filosofia da arte não pertence nem à ideia lógica, nem à ideia natural, mas ao espírito absoluto (*Werke* 13, p. 130/ trad. p. 109). Isso nos remete para a relação da estética com a chamada parte real da filosofia e não exclusivamente com a parte pura, a lógica, relativa às determinações puras do pensamento. Hegel situa a arte como um assunto da *Enciclopédia das ciências filosóficas* enquanto um momento do espírito absoluto e não na *Ciência da lógica*. O belo não é uma modalidade da ideia pura, tal como a vida e o conhecimento e sim possui conexões e compromissos fortes com a filosofia real ou filosofia do espírito.

Poder-se-ia dizer que a lógica na estética está presente na caracterização da ideia do belo e do ideal, a partir da relação entre o conceito e a sua realidade. Hegel recorda brevemente a natureza do conceito no primeiro capítulo da primeira parte dos *Cursos de estética*, para a seguir tratar do aspecto de realidade que esse conceito assume na arte e no belo, ao passar pela determinação da noção de aparência. Uma aproximação da estética com a lógica ocorre, portanto, nesse primeiro capítulo da primeira parte dos *Cursos de estética*, que trata do conceito do belo em geral (*Werke* 13, p. 145-157). Nessas doze páginas é referida a estrutura do conceito (universal, particular e singular) e indicada a estreita relação entre a estética e a lógica subjetiva. É também acentuado o caráter de existência [*Dasein*] da ideia, como sendo a peculiaridade do belo e da arte. *Se a ideia é a união, como totalidade, entre o conceito e a realidade, na arte se ressalta fundamentalmente esse lado da realidade.* De fato, é nessa direção que caminha Hegel nessas poucas páginas, não insistindo muito no aspecto puro da ideia. Interessa-lhe antes atingir a noção de ideal, que implica justamente a ideia como existente.

Pode-se dizer que é até aqui que avança o aspecto lógico puro de fundamentação da ideia do belo nos *Cursos de estética*. Hegel, a seguir no texto dos *Cursos de estética*, se dedica exaustivamente ao tema da *determinidade do ideal*, isto é, ao aspecto qualificador, relativo à "qualidade" [*Bestimmtheit*] da ideia na arte. Ora, as categorias que caracterizam

essa determinidade, a saber, as que já referi acima, tais como a ação, o estado de mundo, a colisão, etc. não são mais "puramente lógicas", no sentido de algo que se aproxime das noções da *Ciência da lógica*, e sim hauridas ou extraídas da história da estética desde Platão e Aristóteles até a época moderna. Foram geradas num vínculo com a poética, as preceptivas de toda ordem, a teoria, a crítica e a história da arte.

No centro da caracterização da determinação do ideal está a noção de ação [*Handlung*]. Ora, essa noção surge nos *Cursos de estética* como uma ampliação e reordenamento de um conceito caro à Aristóteles, quando este pensa a tragédia. A ação e os caracteres são as partes estruturais básicas de uma tragédia, ou melhor, a trama dos fatos de uma tragédia é o "elemento mais importante ... pois a tragédia não é imitação de homens, mas de ações e de vida, de felicidade e de infelicidade" (*Poética*, 1450 a, 16-17). Hegel concorda com Aristóteles, quando este ressalta que "sem a ação não poderia haver tragédia, mas poderia havê-la sem caracteres" (idem, 23). É claro que na abordagem hegeliana a ação é vista desde a perspectiva de todo o sistema de saber, mas é importante perceber também a filiação à estética tradicional.

As categorias de ação e de caráter são carregadas de uma densidade de conteúdo, se pensarmos, por exemplo, na divisão entre o estado de mundo heroico e prosaico. Nesse caso, temos um mundo comandado pela ação, sem sentido simbólico forte (mundo heroico) e um mundo comandado pelo caráter, como a marca da interioridade (mundo prosaico). A rigor, essas noções de ação e de caráter, quando pensadas em sua dimensão social histórica e cultural, não têm quase nada de lógico, se pensarmos numa pureza de abstração ou de clareza e distinção atemporais.

É bem verdade que esses termos abordados por Hegel como decisivos em sua estética também não se encontram facilmente na estética tradicional, ela mesma muitas vezes orientada por categorias abstratas e atemporais. Nesse caso, convém ter presente a discussão estética da época de Hegel, que girava em torno das categorias do clássico e do romântico, do poético e do prosaico e que insistia numa fundamentação concreta da arte e da poesia. Seja como for, as determinações do ideal, bem como as chamadas formas de arte (simbólica, clássica e romântica) não podem ser enquadradas no campo temático puro da *Ciência da lógica*. Já se tentou pensar as formas de arte pelos momentos do conceito (universal, particular e singular) ou segundo a teoria do silogismo, o que certamente não é um equívoco total, mas isso porque Hegel mesmo já nos disse que não há nada nesse mundo que não contenha esses três momentos do conceito. Mas, é preciso perceber que as determinações do ideal, examinadas por Hegel ao longo da primeira parte dos *Cursos de estética*, possuem inegavelmente a marca da realidade absoluta do conceito, segundo a efetivação das obras de arte na história e na vida cultural. Logo, estão além do domínio puro da lógica.

Um grande problema da relação entre a lógica e a estética consiste na determinação da noção de *ideal*, que é específica da arte. Em nenhuma outra parte do sistema de filosofia de Hegel se apresenta a ideia como ideal: nem na filosofia nem na religião, que são as outras duas figuras do espírito absoluto, junto com a arte. Ora, essa noção de ideal nos remete novamente a um debate estético da época de Hegel, que se trava entre Hegel e Kant e teve desdobramentos com Schiller, Goethe, Hölderlin, Schelling, dentre outros. Isso nos lança para o terreno especificamente estético e da história da arte, desde quando Platão estabeleceu suas reflexões em torno da ideia do belo.

Em se tratando de lógica e estética, não se pode esquecer também a relação de Hegel com Baumgarten, visível na legitimação da filosofia da arte nas primeiras duas partes da "Introdução" aos *Cursos de estética*. Pode-se dizer que foi Baumgarten quem lançou primeiramente o problema da fundamentação "lógica" da estética na época moderna. E se compreendermos de modo mais profundo Baumgarten (e acredito que Hegel compreendeu muito bem o problema posto por Baumgarten), não se trata em sua Estética de uma submissão da estética à lógica, mas de uma fundamentação da lógica estética.

4. Outras estratégias de fundamentação interna da estética

Com isso, somos remetidos ao fato de que há *diferentes estratégias de fundamentação da estética* nos *Cursos de estética*. No contexto desse texto eu poderei apenas indicar esses momentos de modo breve.

- 1) Uma primeira fundamentação da estética ocorre logo nas primeiras páginas dos *Cursos de estética*, quando Hegel se refere à dignidade da arte e procura solucionar um problema clássico: o desencontro entre a sensibilidade e o conceito. A resolução será dialética: tanto a sensibilidade, tomada num sentido mais elevado como expressão dos povos e da história, possui uma carga conceitual, quanto o conceito não é apenas abstrato, mas possui a sua gênese (sua alienação) na sensibilidade, ou seja, somente se reconhece depois de passar por seu outro.
- 2) Outra fundamentação aparece no começo da primeira parte, quando a arte é situada no todo da vida do espírito. Nesse contexto Hegel indica que os domínios do espírito absoluto são uma decorrência de uma necessidade que o homem possui de não ser "sufocado" pela finitude. Em suma, a arte é uma necessidade do ser humano e ela somente contempla essa necessidade sendo absoluta.

- 3) Uma terceira espécie de fundamentação é por assim dizer puramente estética: trata-se da relação de Hegel com a estética tradicional e de seu tempo. Ao longo dos *Cursos de estética* Hegel opera uma *paciente releitura* de quase todos os problemas fundamentais da estética desde a Antiguidade: a noção de imitação é relida como manifestação ou exposição, a catarse é retirada do plano do efeito abstrato e psicológico, o belo e o sublime são situados historicamente, os gêneros da poesia (épica, lírica e drama) são pensados especulativamente como o objetivo, o subjetivo e a síntese, o *ut pictura poiesis* é trabalhado no campo da forma de arte romântica subjetiva, etc.
- 4) Também não se pode esquecer de mencionar o item sobre a "dedução do verdadeiro conceito de arte", do fim da "Introdução" aos *Cursos de estética*. Para Hegel, como para Schelling, Schiller e Goethe e todo o romantismo, é com Kant que pela primeira vez se torna possível um verdadeiro encontro entre filosofia e poesia. Mas, Kant é apenas o momento inicial, sendo que Hegel menciona as tentativas de ultrapassá-lo e aprofundá-lo com Schiller, Goethe e Schelling. Winckelmann também comparece nesse contexto.

Parece-me que essas variadas estratégias tornam bastante mais complexa a tentativa simples e direta de relacionar a lógica à estética no pensamento de Hegel. Em todos os casos, o que fica dessa discussão entre esses dois domínios parece-me ser o seguinte: Hegel tem uma consciência aguda da aproximação da arte e da poesia em relação à filosofia, de que no fundo existe na poesia e na arte uma operação lógica pura, como se um corpo estranho se gerasse nelas (um *alien*). Por outro lado, Hegel também realiza um enorme esforço para indicar que a própria arte e a poesia possuem em sua natureza mais íntima categorias lógicas específicas. Nesse sentido, não se trata de contrapor essas duas disciplinas, mas de pensar a especificidade de cada uma e sua relação recíproca. O tratamento também não pode desconsiderar desenvolvimentos particulares envolvendo as diferentes dimensões do fenômeno estético em sua efetivação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Poética*, trad. de Eudoro de Souza. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1987

HEGEL, G. W. F. *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften* (vol. 8, 9 e 10). In: *Werke [in 20 Bänden]*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986.

_____. *Phänomenologie des Geistes* (vol. 3). In: *Werke [in 20 Bänden]*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986.

_____. *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie* (vol. 18, 19 e 20). In: *Werke [in 20 Bänden]*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986.

_____. *Vorlesungen über die Ästhetik I, II und III* (vol. 13, 14 e 15). In: *Werke [in 20 Bänden]*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986.

_____. *Wissenschaft der Logik* (vol. 5 e 6). In: *Werke [in 20 Bänden]*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986.

HILMER, Brigitte. *Scheinen des Begriffs. Hegels Logik der Kunst*. Hamburg: Meiner, 1997.

PERES, Constanze. *Die Struktur der Kunst in Hegels Ästhetik*. Bonn: Bouvier, 1983.

SCHNEIDER, Helmut. *Die Logizität des Schönen und der Kunst bei Hegel*. In: *Anfänge bei Hegel*. Kasseler Philosophischer Schriften – Neue Folge 2; Wolfdietrich Schmied-Kowarzik und Heinz Eidam (Hg.). Kassel: Kassel University Press, 2008.